

FANTOCHES

BASTIDORES DA POLITICA E DOS NEGOCIOS

DIRECTOR E EDITOR

ROCHA MARTINS

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO, Rua do Alecrim, 65 — LISBOA — Telefone 2440-C.

O Presidente da República, dinamitista?

Final do discurso do sr. presidente da República na sessão inaugural do novo ano lectivo, na Universidade Livre, em 11 de Novembro corrente:

— Aludindo à passagem do discurso do sr. Alexandre Ferreira, referente ás revoluções, o sr. presidente da República afirmou que as revoluções são sempre necessarias quando oportunas. Exemplificando, o ilustre orador citou a tarefa do mineiro que, descendo ás entranhas da terra em busca da agua, vai abrindo caminho a golpes de picareta. A certa altura, ouve o murmurio do precioso liquido, mas já a pouca distancia... Mais duas enxadadas... Agora é uma pedra enorme que se antepõe aos desejos do operario... Que fazer? Empregar a dinamite, que estilhaçando a pedra, abrirá passagem à agua benefica... São assim as revoluções.

O que é necessario — terminou o sr. presidente — é fazê-las com inteligencia, preparando bem o terreno, para que delas saiam os mais salutaes beneficios.

No apagar da legenda afonsista

A viagem e seus motivos — Como se cria e
move uma legenda — A alma popular e os ido-
los — A sub-gente democratica — O regresso a
Paris e ao resto

O grande caso da ultima semana foi a renuncia do senhor doutor Afonso Costa á formação do gabinete ministerial, conforme eu tinha previsto.

A viagem do chefe democratico a Portugal, considero-a como uma necessidade irremediavel e inadiavel do seu espirito ambicioso, balanceando actualmente entre o que seu coração lhe pede e o que a sua vaidade não consente em alienar de todo.

Senão, vejamos. O senhor doutor vive em Pariz, com um largo subsidio do governo portuguez, a titulo de tratar das reparações, tendo um ordenado pingue do Banco Ultramarino, na sua qualidade de consultor do grandioso estabelecimento financeiro. Em materia de reparações faz pouco mais ou menos o que se usa nas das estradas portuguezas: algum burgau, terra, depois vem a lama e o buraco fica maior; nas consultas menos cascalho e mais covas, em consequencia.

Todos estes trabalhos — e alguns outros — garantem-lhe a existencia num pé que nunca sonhou. A sua fortuna pessoal, nascida de mil e uma complicadas aventuras financeiras, dá-lhe um rendimento que lhe permite gosar em Pariz o que jámais usufruiu em Portugal. Além disso, tem a vaidade satisfeita com o farrapito da Legião de Honra, recebida em troco, da sua acção, durante a guerra, a qual, como se sabe, foi a de enviar sem compensações para o país, muita carne portugueza a abater-se. Jámais a côr da Legião de Honra ficou tão bem num peito que não vertera uma só pinga de sangue, mas sacrificou o dos outros. Paris tomou conta do portuguez; as suas relações com plutocratas, as combinações do judaismo, as diversissimas cousas que dão alento ao bolso e á alma, prendem-no ali. Depois tem uma grande felicidade, um enorme prazer: deita-se no seu leito com a consciencia de que pode dormir em paz. Os *sergents de ville*, os *gendarmes*, as brigadas da Segurança, velam pelo seu sono como pelo de todos os outros cidadãos ou hospedes da França. Ninguem pensa em fazer-lhe mal; está livre de perguntas indiscretas e de bombas audazes. O seu nome já se não arranca da historia do seu país. Gerou bastantes males; deu grandes combates, rugiu, ajudou a fazer

este simulacro de instituição. No futuro terá nas crônicas a categoria de um copista de Joaquim Antonio de Aguiar, enxertado em energumeno. De fôrma que tem assegurado o pão com algum unto, com bastante unto, mesmo; a paz e a gloriola de não morrer como um anonimo. Repastou-se, além disso, de poder, fossou no poder, abusou do poder. Sabe como são banais os escaninhos do mando em Portugal, embebedou-se com os vinhos aguardentados da rua. Cercou-se de popularidade, saciou-se de subserviências, enjoou-se de lacaios. Mas... E' que pretendendo regalar-se com todas as comodidades de Paris, não quer perder de vez o culto dos inumeros sacristães da sua igreja fanatica.

Sabia que metido no misterio, estando longe, tratando de si e dos seus, conservaria, durante anos, a sua autoridade e que, por sobre o seu côco, o halo idolatra resplandeceria, mal chegasse á fronteira. Para demais, em Lisboa, a sua tribu, os devoristas da *casa civil*, interpretavam como sacerdotes, metidos nos segredos dum deus barbaro, as suas idéas, as suas vontades, as suas paixões e os seus interesses falavam a linguagem do idolatrado distante e como eram medíocres, sub-gente, os que governavam, bastava uma palavra sua, um esvasiamento seu, para se ajoelharem. Todos estavam contentes; ele mantendo a sua aura no país e champanhisando em Pariz com as *petites-femmes*; os aulicos vivendo dos favores do estado como se este visse no poder o dono; a sub-gente encarrapitada, a criar estatura delirava porque ele não vinha e ia prometendo sempre que um dia voltaria.

O bando—o partido—acreditava e preparava os foguetes. O grande homem demorava sempre o seu regresso. Se tinha um *rendez-vous* galante balbuciava para a raia nacional, de olhos em alvo: ainda não chegou a hora! Se era um negocio que o emperrava, trovejava: Eu lá irei um dia! oh! gentes! Se caía no marasmo das grandes digestões, gemia: vocês estão bem precisados de mim mas é cedo, amigos—e virava-se para o outro lado.

O côro sectario, ladainhava: não chegou a hora! Cá virà um dia! ainda é cedo! Os exploradores da sua legenda mandavam no estado, os infimos governavam em sua ausencia como regentes mas iam-se apossando das pratas, dos livros, das contas e dos corações. Já se atreviam a segredar: Que diabo!... Deixem-no lá!... Que vem ele cá fazer?... Nós é que aguentamos isto!

Estas palavras não chegavam aos ingenuos nem aos extra crentes; eram de passe entre a sub-gentalha do alto, do mando.

O sr. Afonso Costa foi prevenido pela *Casa civil*. Como, realmente, não podia durar sempre aquela isenção, aquele dominio sem servir os seus, sem se mostrar aos «delirantes» a sua barbada face, arrancou-se dolorosamente a Paris. Os jornais anunciaram que trouxera muitas malas marcando o intuito de se demorar. Ha quem diga que elas vinham cheias de sêdas, roupas magnificas, objectos de galas infantis—a *layette*, o enxoval realengo para um neto—e que na fronteira nenhum guarda as alfandegaria sem desdouro para o grande homem. Duvido. As malas vinham cheias de saudades da França que lhe garante a paz, a alegria, o bem estar e até os respeitos dos policias ante a sua fitinha vermelha, da côr do nosso sangue.

Por isso veiu e pôz a arejar as suas velhas habilidades de advogado. Despiu a sua carcassa jacobina e vestiu a almafega de penitente; elogiou os catholicos, bateu no seu peito e na aldraba dos nacionalistas.

Tendo assegurado o respeito cafreal dos seus foi onde não encontraria guarida e ao primeiro trancar da porta, levantou-se, irado, e naturalmente disse:

— São eles que não querem . . . Ei-los. — São os maus patriotas! Escorraçam-me . . . O meu partido bem vê . . . Tenho que voltar ao exílio . . . — na sua voz havia um tremor, nos seus olhos a água da alegria. Tenho que voltar ao exílio . . . à paz, ao bom pão, aos interesses, às champanhisações, às cousas belas . . . Pois adeus, o patriota sou eu! . . . Até me apeei em Entre Campos para mostrar que entre eles estava, em vez de ficar em Campolide que é o belicoso.

O partido começou a hesitar ácerca da sua sinceridade. Viu-o passar como um meteoro e já lá vai o tempo para se adorarem os fenómenos das alturas. A humanidade deseja alguma coisa de mais palpável e positivo. Quando um general, muito querido, foge, os soldados odeiam-no e começam a descobrir-lhe os defeitos. Decerto já alguns dizem:

Sem a espiga da Separação . . . Sem a mudança das côres da bandeira . . . Sem as levas para a França . . . Sem a sua jacobinice, como se estaria bem. — Isto dirão os mais tolerantes; os outros ingressarão noutras seitas em cata do novo idolo porque o português não pode viver sem santos populares e sem coleira.

Desta vez diminuiu a legenda afonsista. Se até já lhe chamam desdenhosamente: o comendador Costa, no mesmo tom usado para o seu correligionario, senhor comendador Baptista da Havanesa!

A fortuna do "Pernas de Sabão"

Da gelatina ao pederio — Ideias dum comerciante por grosso — Como se arranja uma sociedade — O maior accionista dum roubo nacional — Projectos extensos

Recebi, ha dias, a visita dum meu compadre, amigo de sempre e que não se faz velho, apesar dos grandes desgostos de sua vida. Uma das primeiras cousas que me disse foi o seguinte:

— Sabes quem está rico?

Eu, habituado, a ouvir todos os dias surpreendentes noticias do mesmo genero, só estremei quando este me revelou o nome, ou antes o alcunha, do milionario:

— Quem está rico é o *Pernas de Sabão* . . .

O *Pernas de Sabão* era um garoto alforrequico, de perninha a arrastar, carinha estúpida e que só tinha um luxo: umas gravatas muito berrantes. Vivia, pobrememente, no suburbio, num andar de 3.000 reis por mês e de seu todo exhalava-se miseria, necessidade. Não se lhe sabia o nome ou antes não se pronunciava; achavam-no embirrento com seu defeito e só lhe chamavam pelo alcunha. Pois quem está rico, quem tem dois automoveis e canta de alto, como todos os novos capitalistas, é o *Pernas de Sabão*.

Claro que é necessario descer muito, até ao amago desta sociedade, para se investigar das origens desse endinheiramento.

Julgo que o supradito era empregado comercial numa pequena casa, no tempo da monarchia e cujo patrão resfolegava iras contra o existente, não podendo vêr o bacalhau a nove vintens nem as ordens militares distribuidas a quem de direito. No fundo, o que ele sentia era o demonio da ganancia a mordê-lo, a esperanza de se erguer, de deixar de comer os feijões temperados com toicinho rançoso e aspirando ao pato com arroz. E' necessario procurar sempre uma questão de mantimentos nas almas dos comerciantes idealistas. Partido que os tenha em barda mas deve acautelarse com a dispensa. Pagava, pontualmente, a sua quota, para o centro local, fazia parte da loja *Montanha*, votava no bairro em grande alarde e atraía a freguezia correligionaria. Não fiava. De quando em quando, tinha expansões para o empregado:

— Oh! quando vier a republica! . . . Nem tu imaginas oh! *Perninhas de Sabão!* O rapazelho olhava-o e quedava-se num raciocinio que custava a dar á luz. Na sua frente havia aquele doloroso e extranho

caretear do macaco quando procura atingir o pensamento humano, que é só o que lhe falta para ser cidadão.

Com efeito, a republica veiu e o patrão galgou da lojeca para outras coisas de maior monta. Falava com os ministros, pedia pelos amigos, obtinha concessões e trespassou a loja, associou-se numa fabrica de panos, levou consigo o rapazote que abria cada vez mais a bôca, já com ancias de devorar tambem. Mas jejuava e amaldiçoava-se, por não ter sabido fazer como o seu chefe.

Chegou a guerra. O fornecimento do exercito foi feito em grande parte pelo industrial; metiam-se nas contas verbas de peças de fazendas que não se entregavam; arranjava-se maneira de se exportarem lãs para Hespanha afim de levantar o preço das más fabricações nacionais. Era vêr entrar nos seus cofres dinheiro ás pasádas, fructo do roubo ao país, ao povo. Talhavam-se nesse cerebro de ganhão revolucionario as mais atrevidas combinações e nas suas oficinas e depositos as mortalhas dos expedicionarios.

Roubava e ria; já não podia andar a pé. *Pernas de Sabão*, esse, ganhava menos mal, mas o sonho esvaia-se-lhe. Não tirava do lodo o pé de cabra. Então, um dia decidiu-se e meteu a mão no cofre; arrepanhou uns contos de reis, viciou uma escrita, pôs o dinheiro a render. Não se propalou isso; quando o patrão o increpou, olhou-o significativamente. A fisionomia gelatinosa do empregado endurecera com a ambição; fincava-se nas pernas moles que a ganancia forrara de ferro e num impeto a sua vozita mole tornou-se agressiva, ameaçadora:

— Eu aprendi comsigo . . .

E saíu-lhe da bôca, esgarçada como uma fenda de sargeta, tudo quanto sabia e via, quanto perscrutara e arrotara desde os fornecimentos que não davam entrada nos casões até ás luvas dos presentes aos politicos, desde o famoso negocio da exportação até ao aumento exagerado dos preços dos objectos destinados ás expedições.

Asseverava convicto e severo:

— A trabalhar ninguem enriquece de repente nem nunca! Contava pelos dedos os anos decorridos desde a miseravel lojeca até ao poderio de agora e cada vez mais rijo, o gelatinoso do passado, crescia, parecia de boa pedra:

— E' como lhe canto . . .

A mão patronal desceu docemente sobre o seu hombro, nos labios do grande rico passou um sorriso desconsolado e acabou num pacto a frase que quizera principiar por uma colera:

— E's mais esperto do que julgava, *Perninhas* . . . O tempo do ideal passou . . . Mas olha que eu trabalhei muito . . . Só aquela tarefa dos centros escolares . . . A cantiga dos garotos . . . Lembras-te; *O' escolas semeai* . . . E semeou-se . . . Semeou-se . . . Cá est'ou eu a colher . . .

— Cá estamos, atalhou logo o caixeiro com o seu ar mais grave.

Mais negocios fizeram; dentro em pouco o rapaz estava associado ao amo e entre as grandes fortunas daquele bairro, onde outr'ora rugia a revolução, conta-se a dele.

Quando o interrogam a ele sobre a origem da sua abastança, modesto, dôce, outra vez gelatinoso, balbucia:

— Então . . . aprendi com o meu patrão que é o homem mais honrado deste mundo . . . E é casado, *Pernas de Sabão*, tem filhos e tão grandes projectos na cabeça que até já são do dominio publico. Não se vêem, porrem, porque se brotassem seria perigoso estar junto de testa tão projectada.

Os Balkans do Calhariz

As potencias destrambelhadas — Scenas guerreiras e ponderadas — O valor duma alliança —
Uma pagina negra e nódoas da mesma cõr —
A futura derrota dos "balcões,"

Assim como nos Balkans vivem povos diversos em suas taras, juizos e preconceitos, tambem no chamado partido nacionalista se agrupam varias tendencias: a Servia, unionista; a Bulgaria, machadista; a Romenia, evolucionista e a Grecia, reconstituente. Teem todas, apesar de suas apparentes ligações nacionais—balkânicas—ia escrever vulcanicas—chefes diferentes, sentimentos variados, impressões de origem, doutrinas racicas. E entre os partidarios formam-se ainda grupelhos, simpatias se desenvolvem, agentes secretos se movem e, por vezes, quando os graves e ponderados servios—os do serviço camachista—teem suas razões a expôr, logo os bulgarotes—*les mauvais bougres*—, gente da fé e da arremetida, tossem de mau humor; atalham os romenios, mais vistosos e suaves como romanos decadentes e os gregos, do desporto e da elegancia, mas, nessa altura, voltam os serviotas a opôr-se, procurando todos êles o apoio dos bulgarisados—ia escrever vigarisados—ou do ranchinho sidonista, seu aliado. Outros, de menor caracteristica, eguistas, alvaristas, lealistas, ribeiristas, mesclam de varios tons a população e, para que se chegue a um acôrdo, primeiro declaram a guerra uns aos outros.

Politicamente, sem que, até hoje, se tivesse pensado em tal, estende-se no Calhariz o mapa dos Balkans, que os inimigos traduzem por balcões, referindo-se a alguns dos seus homens mais representativos—segundo a má lingua democratica—mas, no fim de tudo, sendo para nós sujeitos de bom conceito e aquilo apenas uma maneira de apontaguesar a designação.

Já se vê que um partido, assim empedrado, sofre dos defeitos dessa região tão agitada, porque quando um nucleo decide qualquer cousa, logo os outros repontam em nome das suas afeições, ancestralidades, restos do passado, cousas que andam nas almas, nos corações e que não se sufocam diante de idéas, temperamentos, projectos antagonicos.

A unica cousa em que, até hoje, estiveram de acôrdo visível, após um apetrechamento para combate, foi em não se ligarem ao senhor Afonso Costa, mas... — aqui ha um obice — os servios e os gregos ficaram muito contrariados.

Ainda se tenta realizar nesses Balkans, certa intervenção diplomatica, afim de se aceitar o acôrdo com o inimigo, para um simulacro de união, Imediatamente cada nacionalidade — isto é, cada agrupamento — decidiu agir e o odio democratico subiu, galgou, passou como uma onda por sobre a península do Calhariz, allita, consternada.

É que seria de novo a guerra, o desmembramento e o clamor, a voz do combate, clangorandó de serra em serra, desde as raças guerreiras até às molesas efebicas dos outros paisanos. Os unionistas, os evolucionistas, os reconstituíntes não possuem homens de sacrificio corporal. São pessoas instaladas na vida, bem empregadas, barbudas, quasi todas, incapazes de defender a patria dos Balcões das arremetidas violentas dos guerreiros adestrados do afonsismo. Entre êles vive e prolifera, arreganha o dente e morde, o molosso do machadismo e seus congeneres do sidonismo, mas no dia em que essa turba — o *pé-de-café* do partido — como os comerciantes das tribus chamam a esses solidos e irreconciliaveis adversarios da demagogia se transformar em *pé-de-passar*, atribulada, dolorosa e vagamunda, será como outrora, a vida dos povos calharisticos—balkanicos.

A sua historia antiga é cheia de desastres; é certo que não sofreram das grandes emigrações em massa diante do invasor barbaro, que não viram o seu solo invadido, embora uns supostos amigos da Servia ululassem na sua fronteira; tão pouco tiveram o abalo dum terremoto, porque estes agora só brótam da falta de finanças e não da natureza, e por lá abundam os ricassos, mas ha nas suas cronicas contemporaneas um facto — terrivel e inolvidavel acontecimento! — que jamais se poderá apagar dos cerebros balcões, enquanto o mundo lôr mundo, na rua de S. Roque e no resto que lhe compete.

Não é agradavel, assim em forma ligeira, relembrar lutas e vergonhas e eu hoje não estou com o calamo tragico, suficientemente talhado em bronze, para narrar tão funesto e vívido episodio. Todavia comentarei aquelle dia — que os Balcões — ou Balkans — marcam hoje com uma pedra negra, dia funesto e agourento, em que uns barbaros — meia duzia deles, apenas — romperam do Rocio e da Brasileira — sua sanzála, onde se alimentam de espiritos tenebrosos: café, aguardente, ginja, decilitros — e largaram para o *Konak* — é esta a tradução de palacio para os bulgaros e seus aliados — e correram à bofetada, a murro, a pontapé, os ousados servios-unionistas, que se lembravam de servir o país, governando-o. E viu-se, oh! caso hediondo! manchando os papyrus dum povo! — certo Pintor e seus adeptos, cantando o seu *ça ira* — o *ai ó linda* — levando

diante de si para o inferno da demissão, os graves, impolutos e conspícuos conselheiros, educados no verbo devorar e na ironia camachiana.

Só, então, por uma natural precaução, por um determinado e simplista conselho brotante de imaginações, feridas ainda pelo desacato, se lembraram da aliança com os bulgaros — *les mauvais bougres* — machadistas e sidonistas — com os valentes capazes de defrontarem o inimigo de que tanto receia essa raça conservadora-republicana, a maioria de cujos membros já tem alguma cousa que conservar.

No dia em que lhes faltar o *pé-de-café*, a turba, a que sobe para os telhados e é capaz de dar tiros — a Bulgaria — ai dos ponderados cavalheiros, que hoje dizem estar aptos para governar sósinhos.

Imediatamente os amigos da Servia, os que assim se cognominam, preparam os seus instrumentos, as suas facções, as suas arremetidas, e, embevecidos com a facil victoria de outrora, chegarão ao segundo volume da cronica da bordoadá, Mais uma pagina negra se voltará na historia dos Balcões e mais algumas nodoas de igual cõr se esmaltarão nos rostos dos ousados em demasia, para, desfeita a aliança com os da audácia, se meterem a querer ter opiniões europeias.

Estamos, pois, em frente dum rincão, que se degladiá e vive entre duas espectativas: ou obedece à Bulgaria ou fica sem o seu auxilio e por consequência sujeita a despejos. E' assim, nos Balkans e no partido nacionalista. Por mais alto que falem os seus chefes, só poderão ser, *de facto*, governo quando tiverem quem arruar diante dos assaltantes. E, se aqueles lhe faltam, as fantasias de hoje volatizar-se-hão como as idéas da maioria dos balkanicos, dos quais se procuram debalde a consistencia ou a profundesa.

Falam duma força, e ela só existe na coragem de seus aliados. Mas não admira. Ainda ha dias um socialista, que arrebenta de proventos num estabelecimento do estado, e enverga peliça, falava do seu partido como se êle não fõsse mais do que uma ficção, que nem merecerá a pena socialisar na hora tremenda, que ha de chegar, da nova luta balkânica, da qual o grande simbolo será a Grecia vencida, visto quasi todos então se verem gregos.

As verdades duma carta aberta

A sinceridade do sr. Martins Junior — Onde se apontam os males — De director da manutenção a director da mosgem — Ideias, factos e comentarios — As fabricas de que se carece.

O senhor Martins Junior é um sincero republicano, um homem de trabalho e de acção. Tem influencia no seu bairro e milita no partido democratico. Acusam-no, por vezes, de ser um expulsador de odios, um condutor de raivas. E' apenas um produto da sua ancia de defender a republica como a imaginou e a sentiu. Em volta desse popular, nascido da fama, agitam-se paixões; êle sabe doma-las e varias vezes tem surgido ao lado de adversarios quando contra eles se querem praticar cobardias.

E' assim que eu vejo o sr. Martins Junior, até que se desenhe a meus olhos o revez. Proprietario, construtor, agenciador da sua vida e democratico de acção. Outros vê-lo-hão como um sanguinario, um ser de arremetidas, uma ferocidade medrada entre plantas de edificios, cimentada com cal e areia. Pois esta apresentação do homem não vem aqui ao acaso. E' que êle — acreditando como tantos outros sinceros — na sincera vontade do sr. Afonso Costa em formar gabinete escreveu uma carta aberta que a *Capital* acha inadadavel, no seu sentir, á governação publica mas na qual eu, por exemplo, encontro verdades como punhos. Talvez porque não aspiro a governar, porque não tenho a profundeza de vista do jornal republicano, não lanço nem excomunhões nem desdens sobre o arranco de alma do partidario afonsista. Os leitores verão quem é razoavel, se eu, em meu apagamento, quasi longe das assembléas politicas, se a *Capital* em sua poltrona de dirigente das opiniões.

Afirma o sr. Martins Junior :

Dizia eu que a moeda está desvalorizada. Vejamos: temos hoje 1.400.000\$00 — «e quem sabe se seria só isto? — em circulação; mas apesar desta avalanche de notas na rua, elas não aparecem no mercado para as exigencias do movimento comercial do país. As notas são arrecadadas sofredamente, mesmo desvalorizadas. Eu sei dum honesto português que tem em casa dez mil contos em notas!

Sei de uma varina que tem 600 contos para emprestar no mesmo precioso papel. E sei dum não menos honesto português, que comprou uma propriedade a um alto proprietario por 300 contos, cujo pagamento fez em 2 anos!

Nunca se ganhou tanto dinheiro em Portugal, nunca. Mas ganha-se? dinheiro, roubando impunemente. Hoje qualquer capitalista leva 40 0/0!..

Este português e esta varina carecem da aplicação do cauterio mais radical para as chagas que ajudam a fazer no organismo nacional. Ha outros que seguem os seus passos e acima de tudo mal se comprehende como ha fortunas incubadas de 10.000 contos! Onde os ganhou, como os ganhou esse português de que fala o senhor Martins Junior?... Seria tão curioso desvenda-lo como puni-lo e isso não se faz senão com um governo saído duma revolução, com braços e cabeças sãs, que vão procurar agarrar e entender estas anomalias da nossa epoca e cortá-las cerce. A acreditar nos dez mil contos sonogados tenho que acreditar tambem nas dez mil infamias de que nasceram.

Emquanto aos que emprestam a 40 0/0, ha uma maneira de os castigar, na hora propria: obriga-los a pedir por sua vez.

Prossegue o republicano:

«Só á fraqueza dos eminentes politicos do meu país se deve esta vergonha, porque na verdade um país não se governa com dentistas que apregoam elixires falidos da sua lavra. Não, os politicos são todos responsaveis pela miseria que nos devora.

São pois criminosos pela sua incapacidade e pela sua ausencia — quasi todos — de escrupulos. E' preciso falar alto e dizer a ultima verdade.

Afonso Costa, atenda: os bairros sociais, uma obra linda, estão a apodrecer e certamente quem paga 40 0/0 de juro não pode levar a um inquilino menos de 900 escudos pela renda de um andar!

Esses bairros sociais, destinados ao povo, a 900 mil reis o andar (!) milionarisaram alguns individuos. Sabe-se-lhes os nomes. Se os governantes não fossem, na verdade, dentistas mas que põem nas bôcas os dentes arrancados aoa outros para comerem mais facilmente, já estariam na cadeia, e, com os bens de penhor a suas fianças, os que todos apontam como ladrões e ninguem apreende por suas traficancias.

Não pára aqui o correspondente do meteoro afonsino; as suas palavras tem intensidade e a pungencia do grito dum naufrago, gritando aos companheiros o caminho das fragas da salvação:

«Basta de monopolios. A vida está cara porque nenhum governo teve a coragem de enfrentar o problema. Bem vê, os eminentes estadistas da Republica não deixam os actos de simples mercieiros; isso seria... descer!

Mas sejam bons portugueses em vez de idiotas, que só servem para sugar o Estado»,

Este republicano que arrisca a vida para defender os graduados, que aparece sempre onde ha o inimigo — ou pelo menos o que assim julga — este cidadão que trabalha e do seu bolso paga diversos serviços dos quaes só beneficiam os vice-idolos, os farrapados de hontem, elegantes de hoje, brada: Basta de monopolios! Deve gritar até ser ouvido e é muito possivel que não tarde em faze-lo: Basta de ministros que os toleram, que os propagandeam e os defendem.

O primeiro monopólio português é o do pão. Um povo que não tem pão, a não ser por preços exagerados, não pode produzir barato. O pão é a alavanca da vida de todos os povos. Ele é a primeira moeda, o padrão do resto da existência. Pois bem; em Portugal entregou-se á moagem o preço do género; deixou-se á solta, num monopólio que rende milhares de contos. Calcule-se, que é tão bom ou tão mau o negócio que o sr. Pina Lopes — republicano, saído do ministério para a vida pratica — deixou o seu posto de director da Manutenção Militar para ir ocupar igual cargo na Moagem! Vai dar a sua cumplicidade aos devoristas, e tudo isto porque publicou, ha pouco, um relatorio no qual, sem querer mostrava os lucros exagerados, dos homens que o assalariaram agora.

Para sustentar no poder este e outros identicos é que o sr. Martins Junior se bate, chama a si partidarios, vigia e busca esmagar o que intitula de reacção quando a peor de todas é essa que acabo de citar. Seguem-se-lhe outras: a dos Tabacos, os Phosphoros, a industria bancaria, em sua quasi totalidade, — e um dia apontarei as casas de mais trafico prejudicial — a do Gaz, as dos mil e um negocios escuros nas quais devo dizer, ha imensos republicanos cobrindo nomes de individuos que se dizem monarchicos, só por snobismo. Existem fazendo grande conta de si mas entrelaçados com os seus cumplices da republica.

Felizmente que um raio de luz veiu penetrar a cegueira do revolucionario sincero, que lhe veiu mostrar onde o mal se anicha, lhe deu a clarividencia dessa plutocracia que nos estrangula e á qual pertencem muitos dos seus correligionarios e até o seu idolo, aquele a quem enviou uma epistola á qual a *Capital* franziu o nariz mas que merece bons comentarios como tudo quanto não vem dum fingimento, antes se cõa pelo despertar da razão. E' ela — embora a *Capital* o não pense, ou não o queira proclamar — que dicta, vestida do claro das verdades, a carta aberta e sobretudo o seu final:

«Que dispendios inuteis se praticam ahi em toda a parte!? e «os eminentes homens publicos» do meu país são indiferentes a estas insignificancias, porque na verdade a fabrica de notas «com as altas competencias do Banco Emissor» estão ás ordens e darão á lus todas as fornadas de dinheiro que sejam precisas.»

Teem uma fabrica de fazer notas como os outros as teem de moer bodegas, a que chamam trigo. Só o sr. Martins Junior, e os que como elle pensam, não se decidem a montar a grande fabrica, a unica precisa: a de moer certos ossos, forrados de boa carne, criada á nossa custa.

As razões dum desfalque

**Os poetas das cifras — Como se arruina uma
reputação e um estado — Os Missaes do Mi-
lhão — A tentação e o roubo — Fascinações
Justificadas**

Um empregado do Banco Ultramarino roubou 130 contos e fugiu. É um tuberculoso e desmanchou com esse desfalque a honesta linha da sua vida de assalariado. Dir-me-hão que é muito difícil lidar com uma cousa e não a provar, não nos satisfazermos dela, não nos empanurrarmos, não apanharmos a sua indigestão e que, por isso, assim como os pasteleiros deixam os marmitões comer, até á náusea, das suas doçarias também se devia gerar uma larguissima abastança aos empregados bancarios.

A razão desse desaparecimento dos 130 contos não é essa; os que trabalham nas casas bancarias agenceiam, menos mal a sua vida, e não acabam na miseria depois de terem contado muitos massos de notas. Não lhes succede o mesmo que aos seus colegas das filiaes das Companhias poderosas — tituladas de jornaes — aos quaes chamam jornalistas, e que vão acabar nos hospitaes lançando os plumões ou desfalecidos de fome. É raro um caixeiro de Banco chegar á mendicidade como os poetas, os esculptores, os actores, os artistas que os deleitam e os servem. Também, lidando com tanto ouro ou com tantas cifras que o representam não enriquecem. Vivem; e viver sem grandes cuidados é melhor do que sentir o espicamento constante da ancia de aumentar a fortuna. Raramente, mesmo, um destes individuos, categorisado em seu emprego, toma do cofre um masso de notas. Veem passar a riqueza e habituum-se ao sorriso dos donos desse dinheiro; chegam a parecer-se com eles.

No caso presente do tísico que fugiu, após o seu desfalque ao Ultramarino, vibra um sentimento diverso; ha como um incitamento nascido duma reflexão e duma revolta. Dois sargentos da armada, só porque fizeram uma viagem, á custa do estado portuguez — que é, segundo parece, o mais rico da Europa — conseguiram amealhar, em libras, — durante quatro meses — 130 contos de reis ou sejam mais de 32.500.000 reis por mez, 16.250.000 reis a cada sargento! E' um cumulo e a base duma estatística para se saber quanto custou essa travessia, em bom oiro. Dois sargentos a 16.250.000 reis cada um, só de economias, viajando, comendo, despendendo alguma cousa mas guardando essa quan-

tia que, pelas condições em que foi arranjada, se pode denominar fabulosa; é o pagode! O empregado do Banco Ultramarino foi o encarregado de fazer render os 130 contos, ganhos tão facilmente, por dois subalternos, e nascidos da prodigalidade dum governo. A reflexão chegou; e esse tuberculoso, farto de lidar com lançamentos de milhões, tendo durante tantos anos, levado a vida a trabalhar, a remexer em livros quantias fabulosas sem as tocar, fazendo aquilo como uma tarefa mecânica, igual á dum maquinista que gera a corrente electrica para iluminar as grandes festas, ás quaes não assiste, sentiu, pela primeira vez, palpavel, real, vivendo em suas mãos aquilo que se habituara a imaginar, irreal, abstrato, uma nominalisação a lançar em livros tão grandes como não ha outros nos, Atlas da Riqueza; nos Missaes do Milhão.

Ele, durante anos a fio, levantara-se cedo, pegara no lunche, agarra no sobretudo, no inverno, no chapéu de palha, no verão, para ir dobrar-se sobre a carteira, ou aquando lhe apetecia, uma vez por outra, ficar em casa a lêr ou a fazer gaiolas. O seu peito fraco carecia de alimentos fortes, a sua alma, entristecida pela doença, precisava de desafogos. Era novo e ia fenecendo curvado sobre esses Atlas da Riqueza, sobre esses Missaes do Milhão, amontoando cifras, muitas, imensas, quotidianamente, como um poeta acastela rimas que só valem para êle ao produzi-las e deslumbra os outros ao tilintarem a seus ouvidos. Assim era o seu trabalho; fazia-o mas gosava-o só imaterialmente. Todavia, além dos seus livros, rolavam-se os possuidores daquele numerario avultado. Se alguma vez pensou assim sorriu decerto imaginando que nunca seus dedos tocariam mais do que os algarismos.

Um dia, porem, entregaram-lhe dinheiro, massos de notas que teve em seu poder, em troco dos cheques, vindos de longe e deslumbrou-se, e quiz tambem experimentar, ele o manejador de numeros, todo o prazer, que feito realidade, podem gerar: a pele macia das mulheres, as doçuras da meza bem servida, as paisagens extranhas vistas de um automovel fôfo, talvez mesmo imaginou a cura da sua doença e, então, não hesitou. Meteu-se na traficancia, como um garoto de pasteleiro ao roubar o primeiro doce para a sua gula. Aquilo foi a reflexão instintiva. A revolta chegou-lhe intensamente e fe-lo sem sentir remorsos.

De quem era aquele dinheiro? De dois sargentos que não tinham produzido qualquer cousa de grande, de forte, de intenso, de magnifico para o possuir. Tripulantes do acaso dum barco, de país opulento, tinham aferrolhado, em quatro mezes, uma quantia que o empregado bancario não ganharia nunca nem em quatro vidas. Mas, mais ainda: que nenhum creador de beleza em Portugal, nenhum escultor, nenhum pintor jamais alcançará; e ainda mais: que nenhum estadista honrado possuirá. E... não teve escrupulos; desapareceu com o dinheiro do país, apanhado em quatro mezes de pandega a bordo de um navio de guerra, como uma presa. O tuberculoso, se fôr agarrado, irá fixar-se no fundo dum carcere; se não o capturarem morrerá sem remorsos, creio bem, tendo achado no dinheiro, cujos simbolos alinhava sem os gosar, o alivio dos que sofrem tendo com que comprar os lenitivos.

Se o prenderem os jurados, que nunca souberam psicologia, teem de condena-lo como a um ladrão vulgar do mesmo modo que, quando vão ao Jardim Zoologico, naturalmente, querem que os tigres, habituados a devorar carne, lhes poupem os dedos se não lhos oferecerem com um bocado de chanfana.

Notas da crise do dia de S. Martinho

Baralhou-se tanto a politica só com a presença do senhor Afonso Costa e do seu insucesso que até se chegou a apelar para o Catanho.

*

Por sua vez, Catanho apelou para Jaime de Sousa, tão entendido em linguas que chegou a confundir a portuguesa..... com o hino da carta.

*

Os democraticos, ao lerem os nomes dos ministros indigitados, alguns antigos monarchicos de subalternismo politico, exclamaram: — Estes que vão para o Catanho...

*

No partido democratico, tão violento e comedor, tambem ha poetas mimosos. Um deles, ao ouvir o nome do indigitado presidente do conselho, rimou logo ácerca da influencia dos nomes nos actos dos seus portadores.

Se Herculano se chamasse Zebedeu
Não escrevera o que escreveu.

Outro vate da mesma envergadura, mas tambem partidista, corroborou:

Que fará homem de tão pequene tamanho,
Que recebeu no berço o nome de Catanho?

*

José Luciano de Castro contava entre os seus mais fervorosos admiradores o sr. dr. João Catanho de Menezes, que falava sempre nas reuniões progressistas em fidelidade ao seu chefe e na salvação da monarchia. Uma vez, um correligionario da provincia, pouco ao facto dos meandros politicos, estranhou, diante do estadista, que o sr. dr. João de Menezes gritasse na Camara pela republica e fosse progressista. Confundia-o com o deputado popular que tambem era dr. José Luciano, cofiando o bigode, elucidou-o:

— É que o meu é Catanho... Mas lá irá ter, se eu não lhe der uma pasta e se o outro não repontar...

Como se vê, o chefe progressista foi profeta e o autentico João de Menezes não repontou, porque já morreu.

Finalmente, a chamada do sr. dr. Catanho foi um equívoco deplorável. O que se mandou buscar de Belem foi castanhas, visto estar-se em véspera de S. Martinho e a *Seara Nova* ter aconselhado cautela com o vasilhame do vinho novo para o conducto.

*

Não ha nada como uma democracia. O protocolo é tão largo que dá aos presidentes o direito de andarem mendigando por casas particulares.

*

O dr. Vasco Borges, convidado para ministro, só teve uma exclamação: — Vou para o estrangeiro!...

Jaime de Sousa disse-o, ufanamente, no plural:

— Vou para os estrangeiros!...

Finalmente, não fizeram suas vontades — nem um nem outro.

*

A *Seara Nova* lançou um manifesto ao país, todo cheio de piadas ao dr. Afonso Costa e aos democraticos. Eis um dos trechos:

Aos politicos, emfim, pediriamos que não sonhem na continuação dos processos vulgares de até agora, do deixar-se ir pela corrente, daquele respeito da gente inerte pelos abusos consagrados, nem em pôr a governar o País individuos desacreditados por quaisquer fortes responsabilidades no agravamento dos nossos males, e sem autoridade, portanto, para desfazer o que fizeram.

Individuos desacreditados por quaisquer fortes responsabilidades no agravamento dos nossos males! Sem autoridade para desfazerem o que fizeram!...

Como estamos na epoca da caça, a chumbada vai direitinha ao par-dal de Ceia.

*

Outro bocadinho do manifesto da *Seara Nova*:

Desistam os politicos portuguezes de escamotear de alguma maneira os anceios reformadores, de fingir que andam marcando passo, e de tentar meter em antigos ôdres, segundo a imagem dos Evangelhos, o vinho novo e generoso das aspirações dos «homens bons».

Esqueceu acrescentar: Bons bebedores. Ha na realidade os que morrem pelo «em cima da borra» partidario e que se embriagam com agua-pé dos principios.

*

Indignadamente, o *Mundo*, diz que está tudo mais caro na Praça da Figueira e que os vendedores atribuem isso à chegada do senhor Afonso Costa, para desacreditarem o regimen.

Deve ser isso, apesar de S. Ex.^a ter dado sempre provas de ser de muito alimento.

